


AS MULHERES VELHAS (R)EXISTEM: ALGUMAS NOTAS SOBRE A VELHICE FEMININA E SUA PRESENÇA NA LITERATURA BRASILEIRA DO INÍCIO DO SÉCULO XXI

Old women (r)exist: some notes about female old age and its presence in the Brazilian literature of the early 21st century

Cristiane da Silva Alves

<https://orcid.org/0000-0002-1375-1212> 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Letras,
Porto Alegre, RS, Brasil. 91501-970 – ppglet@ufrgs.br

Resumo: A partir do estudo de narrativas ficcionais da literatura brasileira publicadas nas primeiras décadas deste novo século, tem-se por objetivo investigar a presença das mulheres velhas, especialmente aquelas que se destacam como narradoras e/ou como protagonistas. Pretende-se observar se e como a literatura contemporânea tem contribuído para forjar determinadas identidades, ou antes, para reforçar ou (des)construir padrões e papéis comumente atribuídos à figura feminina envelhecida. Busca-se, sobretudo, contribuir para afastar ou minimizar os estereótipos e o silenciamento acerca da velhice feminina (ainda) presentes em nosso cânone. Para tanto, são tomados como *corpus* os romances *Mar azul* (Rocco, 2012), de Paloma Vidal; *Amor em dois tempos* (Companhia das Letras, 2014), de Livia Garcia-Roza; *Quarenta dias* (Alfaguara, 2014) e *Outros Cantos* (Alfaguara, 2016), ambos de Maria Valéria Rezende. Para dar suporte às análises, recorre-se às contribuições de Simone de Beauvoir, Guita Grin Debert, Mirian Goldenberg, Ecléa Bosi e Regina Dalcastagnè, entre outros.

Palavras-chave: Velhice; Mulheres; Literatura Brasileira contemporânea; Autoria feminina.

Abstract: Based on the study of fictional narratives of Brazilian literature published in the first decades of this new century, the aim is to investigate the presence of old women, especially those who stand out as narrators and / or as protagonists, observing whether and how contemporary literature has contributed to forge certain identities, or rather, to reinforce or to (de) construct patterns and roles commonly attributed to the aged female figure. Above all, it seeks to contribute to removing or minimizing stereotypes and silence about female old age (still) present in our canon. For that, the novels *Mar azul* (Rocco, 2012), by Paloma Vidal; *Amor em dois tempos* (Companhia das Letras, 2014), by Livia Garcia-Roza; *Quarenta dias* (Alfaguara, 2014) and *Outros Cantos* (Alfaguara, 2016), both by Maria Valéria Rezende, are taken as corpus. To support the analyzes, we use the contributions of Simone de Beauvoir, Guita Grin Debert, Mirian Goldenberg, Ecléa Bosi and Regina Dalcastagnè, among others.

Keywords: Old age; Women; Contemporary Brazilian literature; Female authorship.

Considerações iniciais

De maneira genérica, costuma-se denominar “velha” a pessoa que atingiu certa idade e/ou ostenta alguns sinais que, habitualmente, são associados ao envelhecimento, tais

como a presença de cabelos brancos, de rugas e/ou de flacidez. Em muitos casos, apenas o ponto de vista biológico é levado em conta, desconsiderando-se outros elementos que dizem respeito às histórias, vivências e sentimentos que cada pessoa, ao seu modo, experimenta. Trata-se, é claro, de uma percepção limitada e superficial, que despreza ou desconhece o fato de que tanto a velhice, como a infância e a juventude, “não são concepções absolutas, mas interpretações sobre o percurso da existência. Como interpretações, essas concepções se transformam historicamente.” (BIRMAN, 1997, p. 191). Em qualquer dos casos, são apenas construções que, como tal, estão sujeitas a mudanças, de acordo com a época, com os padrões ou com o modo pelo qual cada sociedade se organiza social, cultural, econômica e politicamente.

Não é demais lembrar que “o conceito de velhice é recente na nossa tradição histórica” (BIRMAN, 1997, p. 195), contando com pouco mais de dois séculos. Foi apenas na passagem do século XVIII para o XIX, sob o manto científico do evolucionismo, que se instituiu o ciclo biológico da vida humana em faixas etárias bem delimitadas. Desde então, fixada como um período de declínio, continuamente associada à degeneração, “a velhice passou a ocupar um lugar marginalizado na existência humana, na medida em que a individualidade já teria realizado os seus potenciais evolutivos e perderia então o seu valor social” (BIRMAN, 1997, p. 195). Conforme se esgotam as possibilidades de produzir e reproduzir riquezas, esvai-se o valor simbólico da velhice.

Simone de Beauvoir (1990) estava certa, pois, ao afirmar que “a idade acarreta uma desqualificação. São os valores associados à juventude que são apreciados.” (1990, p. 257). Com os avanços da sociedade rumo à industrialização, em especial, a sabedoria e a experiência foram sendo menos valorizadas do que o vigor e a agilidade, de tal modo que frequentemente as pessoas que envelhecem são estigmatizadas, tratadas como peças inúteis e dispendiosas. O repertório de saberes e vivências alcançado ao longo do tempo e que constitui, provavelmente, o seu bem maior, passou a deter pouca ou nenhuma importância, eis que “em uma sociedade que passa por constantes mudanças, como a nossa, o conhecimento acumulado das pessoas mais velhas muitas vezes parece para os jovens não mais um valioso depósito de sabedoria, mas, simplesmente, um anacronismo.” (GIDDENS, 2005, p. 145).

Na esteira de Simone de Beauvoir, também Ecléa Bosi (2009), em sua obra *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*, afirma que na sociedade industrial, diferentemente daquelas mais estáveis, não terá continuidade aquilo que o ancião edificou. O que se constrói hoje e que traz significação à existência está fadado a ser destruído amanhã. Conforme a autora, “a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor.” (BOSI, 2009, p. 77). Assim como ele, todas as suas experiências e realizações estão condenadas à extinção.

Do mesmo modo, Guita Grin Debert (2012) examina, em seu livro *A Reinvenção da Velhice*, as considerações até então apresentadas sobre o envelhecer e confirma que, nas

sociedades modernas, “a partir da segunda metade do século XIX, a velhice é tratada como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais.” (DEBERT, 2012, p. 14). Conforme evidenciaram as análises empreendidas até bem pouco tempo, nas sociedades industrializadas o problema da velhice relaciona-se diretamente à perda de prestígio junto ao grupo social em que os indivíduos estão inseridos. A industrialização “teria destruído a segurança econômica e as relações estreitas que vigoravam nas sociedades tradicionais entre as gerações na família.” (DEBERT, 2012, p. 16). Outrora respeitados pela experiência e sabedoria, os velhos passaram a representar um fardo para a família e/ou para o Estado e, não por acaso, nas sociedades modernas o envelhecer restou marcado pelo empobrecimento e pelos preconceitos, abandonando-se aqueles que envelheciam a uma “existência sem significado”. A velhice passou a ser relacionada a um conjunto de imagens negativas, decorrentes da ideia de perdas e de dependência creditada ao avanço da idade.

Observando-se como a questão vem sendo tratada mais recentemente, contudo, é possível verificar-se algumas transformações em andamento. Não é difícil constatar que, desde alguns anos, diferentes mecanismos vêm sendo adotados para motivar os idosos a vivenciarem essa etapa com mais entusiasmo e dinamismo. Para tanto, novas alternativas de sociabilização vêm sendo propostas e, além disso, tem-se incentivado a busca e/ou a continuação de projetos, de modo que se possa reverter ou diminuir os estigmas usualmente relacionados com o avanço da idade. É frequente o encorajamento à busca de autonomia, ao contato com grupos e associações e, também, ao envelhecimento com qualidade e prazer, o que, em muitos casos, estimula a independência e resulta em um saldo positivo. Ao mesmo tempo, porém, evidencia-se o que Debert (2012) chama de “processos de reprivatização”, transferindo-se ao indivíduo a responsabilidade pela própria velhice, que “poderia então desaparecer do nosso leque de preocupações sociais.” (2012, p. 14).

Embora não se possa negar que há um visível aumento da expectativa de vida e, também, uma visão mais otimista acerca do envelhecimento, há que se notar, igualmente, a crescente cobrança com a manutenção e com os cuidados individuais. Não são raros os discursos e medidas adotados em prol da “eterna juventude”, com a constante exaltação do corpo saudável, ativo e atraente. Na televisão, nas revistas, em mídias sociais e *outdoors*, espalham-se imagens de velhos e velhas sorridentes e de aparência impecável, exibindo o modelo de velhice a ser seguido. As “etapas intermediárias de envelhecimento” se alargam e a aposentadoria já não serve como indicador de velhice ou de inutilidade. Como afirma Debert (2012),

[...] as idades não são mais marcadores pertinentes de comportamentos e estilos de vida. Uma parafernália de receitas, envolvendo técnicas de manutenção corporal, medicamentos e novas formas de lazer, é proposta, desestabilizando expectativas e imagens tradicionais associadas a homens e mulheres mais velhos. (2012, p. 18-19).

A juventude, em lugar de ser tratada como apenas mais uma etapa, tornou-se uma

obrigação, um objetivo que é forçoso alcançar, cultivar, conservar com dedicação e disciplina. Independentemente da idade cronológica, o sujeito deve se mostrar ativo, bem-disposto, “jovem”. O envelhecimento, antes aceito como um processo natural, inerente ao ser humano, passou a ser visto como sinal de desleixo, de falta de cuidado e/ou de empenho. Incitado a zelar pelo próprio corpo e saúde, o indivíduo deve assumir a responsabilidade por sua decadência. A manutenção da juventude e, especialmente, a preservação do corpo, mais do que escolhas, transformaram-se em imposições, seja da mídia, da sociedade, ou das políticas de saúde que, com isso, calculam uma redução de gastos. Vale observar, sobretudo, que

[...] esse compromisso da sociedade com o envelhecer positivo leva a um conjunto de práticas que, ao oferecer oportunidades constantes para a renovação do corpo, das identidades e auto-imagens, tende a encobrir os problemas próprios da idade mais avançada. O corpo ingovernável, as traições que o corpo faz às vontades individuais são, antes, percebidas como frutos de transgressões conscientemente impetradas, abominações da natureza humana. (DEBERT, 2012, p. 22).

Conforme o culto ao jovem e ao belo se acentua, crescem as exigências, ampliam-se as metas a serem alcançadas, de maneira nem sempre viável ou passível de controle. Assim, as pessoas velhas mais vulneráveis ou fragilizadas, que não logram combater ou mascarar eficientemente as transformações biológicas causadoras de rugas, flacidez, manchas e outros problemas mais sérios, acabam sendo tratadas como “fora de padrão”, estigmatizadas, muitas vezes lançadas à margem, condicionadas à exclusão e/ou ao isolamento. Diferentemente do que se poderia supor, a revisão (ou, como prefere Debert (2012), a reinvenção) da velhice nem sempre propicia uma (re)valorização do velho e de suas experiências. Ao contrário, a sociedade contemporânea não apenas aprecia a juventude, como se mobiliza, cada vez mais, para eliminar ou camuflar quaisquer indícios de idade avançada e/ou das ações do tempo. Evita-se até mesmo falar que alguém é velho; dá-se preferência para o termo “idoso” ou, ainda, “jovem velho”, que remete ao aposentado ativo, integrante da chamada “terceira idade”, uma “gratificante etapa”, de acordo com o discurso atual, para aqueles que dispõem de tempo e de recursos para reciclarem-se e desfrutar as “vantagens” que essa fase da vida oferece. Um passo adiante, todavia, e verifica-se que nem tudo é simples ou vantajoso.

Ainda que o novo modelo de representação da velhice não seja de todo infrutífero ou negativo, é de se notar que o discurso otimista e encorajador acerca da “melhor idade”, não raro, oculta certa massificação dos sujeitos que, ao mesmo tempo em que conquistaram algumas vantagens, também vêm sendo submetidos a uma série de perdas nem sempre explicitadas, sobretudo de valores e de características individuais. A própria legislação, ao determinar quem são as pessoas passíveis de tutela, não cuidou de outros fatores que não o cronológico. Basta ver o *Estatuto do idoso* que, conforme o seu artigo 1º, é destinado “a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos.” (BRASIL, 2003, grifos meus).

Vale observar, de igual modo, o quanto o termo “idoso”, adotado pelos legisladores e assimilado pela sociedade em geral, mostra-se redutor quando assume a feição de categoria. Esquece-se que, por trás dessa denominação, há variados indivíduos, com diferentes histórias e particularidades; agrupados em um bloco único, uniforme, restam abstraídas as suas trajetórias e experiências e, conseqüentemente, os apartam de sua singularidade. Apesar de incluir entre os seus objetivos o esclarecimento e a eliminação do preconceito acerca da velhice, o dispositivo legal em nenhum momento se refere às pessoas ali elencadas como “velhos/as”. Preferiu-se, ao longo de todo o texto, o vocábulo “idoso”, recuperado na década de 1960 nos documentos oficiais, em detrimento de “velho”, que passou a ser negativamente considerado. Neste caso, o que chama a atenção é que, mesmo após anos de debates em torno da questão, a par de todas as campanhas e melhorias, a velhice ainda se apresenta cercada de estigmas e tabus.

Apesar das inovações, discussões e conquistas obtidas ao longo do tempo, ainda é persistente o imaginário acerca das pessoas velhas, vislumbradas como aquelas a quem só restam perdas: da juventude, do encanto, da sanidade e outras mais. Ser velho/a, especialmente em uma sociedade que venera cada vez mais a beleza e a juventude, equivale a um crime; é preciso se defender, fugir, ocultar a qualquer preço os seus mínimos indícios. Mesmo transcorridas décadas e décadas desde o estudo de Simone de Beauvoir (1970) sobre a velhice, essa ainda parece causar escândalo. Em meio a tantos e afamados prejuízos, talvez seja lícito apontar aquele que, se não é o pior, é bastante nocivo: perdeu-se o direito de ser velho/a.

No caso das mulheres, em particular, a situação é ainda mais cruel. Para elas, na maioria das vezes, a chegada da velhice acarreta maior prejuízo social. O desequilíbrio que, em diferentes situações, pode ser observado entre homens e mulheres, tende a acentuar-se com o envelhecer. Veja-se, neste aspecto, o que afirma Simone de Beauvoir (1990):

Nem na literatura, nem na vida, encontrei qualquer mulher que considerasse sua velhice com complacência. Do mesmo modo, nunca se fala em “bela velha” no máximo se dirá “uma encantadora anciã”. Ao passo que admiramos certos “belos velhos”; o macho não é uma presa; não se exige dele nem frescor, nem doçura, nem graça, mas a força e a inteligência do sujeito conquistador; os cabelos brancos e as rugas não contradizem esse ideal viril. (1990, p. 364).

Apesar de os chamados efeitos negativos da velhice atingirem tanto homens quanto mulheres, é sobre elas, habitualmente, que recaem as maiores cobranças. Para as mulheres, quase sempre, há um fardo substancialmente maior a ser suportado, posto que o envelhecimento é, em larga medida, associado a um processo de perda de papéis e de prestígio, conforme demonstra Guita Grin Debert (2012):

Sendo a mulher em quase todas as sociedades valorizada exclusivamente por seu papel reprodutivo e pelo cuidado das crianças, desprezo e desdém marcariam sua passagem prematura à velhice. Essa passagem, antes de

ser contada pela referência cronológica, seria caracterizada por uma série de eventos associados a perdas, como o abandono dos filhos adultos, a viuvez ou o conjunto de transformações físicas trazidas pelo avanço da idade. (2012, p. 140).

Diminuída, apartada, a mulher vai perdendo, pouco a pouco, o seu lugar no mundo. Empurrada, cada vez mais, para a margem, incitada a ceder espaço para as mais jovens, ela começa a hesitar, a enfraquecer diante das pressões, não raro sujeitando-se ou anulando-se. É nesse momento, mais do que em qualquer outro, que se mostra importante o ecoar de outras vozes que, juntas, formulem um grito de resistência em seu favor.

O que pode a literatura?

Apesar de não ter a obrigação e, tampouco, a finalidade de (re)estabelecer o lugar dos excluídos junto à coletividade, não se pode perder de vista, como bem lembra Regina Dalcastagnè (2005, p. 21-22), que “A literatura é um artefato humano e, como todos os outros, participa de jogos de força dentro da sociedade”. Assim, ao emprestar a voz, valorizar e/ou dar visibilidade apenas a determinados grupos, em detrimento de outros, a literatura acaba por reforçar as condições de apagamento daqueles que historicamente têm sido mantidos à margem, calados e inferiorizados. No que tange ao envelhecimento, mais especificamente, da mesma forma que é sabido que a população brasileira vem envelhecendo, também é possível observar que as mulheres são maioria entre as pessoas que logram ultrapassar os 60 anos. Mesmo assim, em pesquisa acerca do personagem do romance brasileiro contemporâneo, mapeando obras publicadas entre 1990 e 2004, Dalcastagnè (2005) demonstrou que somente 8,5% das personagens femininas localizadas nos textos foram representadas em sua velhice. A representação de homens velhos também foi baixa, mas ainda superior, correspondendo a 9,7%.

Vale mencionar, ainda, uma pesquisa desenvolvida por Mirian Goldenberg (2012), na cidade do Rio de Janeiro, com grupos de mulheres na faixa etária de 50 a 60 anos, pertencentes às camadas médias e altas, na qual se verificou que, a despeito dos avanços e conquistas que vão desde a realização profissional até a liberdade na vida afetiva e sexual, “a ênfase na decadência do corpo, na falta de homem e na invisibilidade social é uma característica marcante no discurso das brasileiras” (GOLDENBERG, 2012, p. 50). Em seus depoimentos avultam, entre outras questões, “as perdas, os medos e as dificuldades associadas ao envelhecimento” (GOLDENBERG, 2012, p. 51). Essas, embora notadamente relevantes, não costumam ser contempladas na produção literária. Ao contrário, a invisibilidade de que se queixam as mulheres em seus discursos, parece fadada a estender-se à literatura que, com raras exceções, acaba por reforçar o apagamento das mulheres velhas, omitindo ou diminuindo a sua presença e, em geral, não lhes concedendo o papel de narradoras e/ou protagonistas.

Veja-se que, mesmo quando a literatura parece encaminhar-se para uma maior diversidade de personagens e/ou temas, o papel da mulher ainda não é suficientemente

evidenciado. É o que se nota ao analisar as narrativas brasileiras produzidas na primeira década do século XXI. Tomando-se aquelas publicadas pelas grandes editoras e, portanto, com maior visibilidade, deparamo-nos com quatro narrativas ficcionais em que se destacam narradores/protagonistas masculinos de idade avançada: *Heranças* (Rocco, 2008), de Silviano Santiago; *Órfãos do Eldorado* (Companhia das Letras, 2008), de Milton Hatoum; *O arroz de Palma* (Record, 2008), de Francisco Azevedo; e *Leite Derramado* (Companhia das Letras, 2009), de Chico Buarque. Enquanto isso, à mesma época, apenas um romance publicado cuida de apresentar uma protagonista/narradora feminina em vias de tornar-se idosa: trata-se de *Milamor* (Record, 2008), de Livia Garcia-Roza. Ainda que se trate apenas de um recorte, é possível perceber, neste caso, o descompasso entre homens e mulheres de idade avançada que, em termos de representatividade, não ocupam o mesmo lugar.

Por outro lado, avaliando-se obras publicadas na segunda década do novo século, o cenário parece um pouco mais promissor, com novas produções em que a atuação feminina tem aparecido de forma mais efetiva. Além disso, as narrativas analisadas demonstram, entre outras coisas, que “as velhas também existem, e se destacam hoje, mais além da imagem tradicional de ranzinzas ou de doces avozinhas, como mais dinâmicas, saudáveis, livres, sexuadas e criativas do que as de sua geração em épocas anteriores.” (BRITTO DA MOTTA, 2011, p. 14). Alguns romances aqui examinados, não apenas tomam a mulher velha como personagem principal, mas também lhe concedem a palavra e o poder de conduzir a própria história. Ressalvando-se, talvez, *Mar azul*, de Paloma Vidal (2012), em que a protagonista parece um pouco mais fragilizada, o leitor se depara com mulheres ativas, determinadas, que olham para o passado e o trazem à tona, confrontando suas dores e/ou equívocos, narrando para tentar entender os acontecimentos, ou simplesmente para que não se perca a própria história e as histórias das quais são testemunhas. Do mesmo modo, se mostram dispostas a mirar o futuro, a fazer planos, a marcar o seu lugar no mundo como um sujeito vívido, lúcido e capaz, cujo tempo ainda não finalizou. Como se pode notar, são mulheres diferenciadas, que têm em comum não apenas a faixa etária e, em especial, a firmeza.

***Mar azul* (2012), de Paloma Vidal**

Mar Azul é o quarto livro ficcional e segundo romance da escritora e professora Paloma Vidal, nascida na Argentina e criada no Brasil desde os dois anos de idade. O livro, que se divide em duas partes, inicia-se com uma série de diálogos rápidos entre a protagonista (não nomeada no romance) e Vicky, sua melhor amiga, ambas adolescentes. Conforme os diálogos vão sucedendo, descobrimos que a protagonista não conheceu sua mãe, que o pai, engenheiro, partiu para atuar na construção de uma nova capital, e que ela foi deixada aos cuidados da mãe de Vicky. Revela-se, ainda, a relação abusiva a que a protagonista é submetida pelo namorado e que culmina em estupro. O encerramento da primeira parte do livro, assim, apresenta uma dentre as várias perdas que serão identificadas ao longo da obra. Além da perda da inocência, também se perde a

dinamicidade que os diálogos conferiam à narrativa, marcando não apenas o fim de um ciclo para a protagonista como, igualmente, para o romance.

Quando tem início a segunda parte do livro, constata-se que houve uma longa passagem de tempo, acarretando transformações na vida daquela que narra e, também, na obra. Há uma notável alteração no tom narrativo, assim como no ritmo, acompanhando as transformações ocorridas com a protagonista-narradora que, como logo se percebe, não é mais uma jovem ocupada com a amiga, ou às voltas com o namorado. Conforme avança a narração, o leitor compreende que a adolescente ficou no passado e que, a partir de então, o que se segue é o relato de uma senhora em torno de setenta anos. Solitária, a velha mulher registra fatos cotidianos tais quais as caminhadas pela cidade, as idas à natação e algumas atividades corriqueiras e banais como lavar a louça, tomar banho, buscar a correspondência ou marcar consultas médicas. As dores no corpo, os passos hesitantes, a vista cansada e outras pistas espalhadas pelo livro revelam a ação do tempo.

No decorrer do romance, porém, além da rotina de aposentada, dos males da velhice e das frequentes visitas a diferentes médicos, avultam outras questões, que tomam corpo quando a protagonista encontra alguns cadernos deixados pelo pai, cuja leitura reacende uma série de lembranças. A partir de então, tornam-se visíveis para o leitor não apenas acontecimentos ligados à história individual da protagonista, como também aqueles que dizem respeito à história de uma geração inteira, marcada por episódios violentos e traumáticos que devastaram a América Latina na segunda metade do século XX. No caso da narradora, em razão do regime ditatorial instaurado na Argentina, ela teve de partir: “Três meses depois do desaparecimento de Vicky, peguei um ônibus na rodoviária e segui um trajeto incerto para o norte. [...] Eu me sentia completamente vazia e o vento podia ter me levado em vez daquele ônibus.” (VIDAL, 2012, p. 89). Embora não seja nomeado o seu destino, algumas evidências no romance permitem-nos inferir que ela veio para o Brasil, lugar em que envelheceu e de onde narra. Em sua narração é manifesta, sobretudo, a dificuldade em recompor os fatos, sobre os quais são apresentadas apenas informações esparsas. Para além do desgaste da memória em razão da idade, pesam sobre sua narrativa sofrimentos insuperáveis que inibem o acesso ao vivido e, especialmente, inviabilizam a sua expressão. Se o exílio lhe pôs a salvo, também lhe deixou um amontoado de feridas não cicatrizadas, de lembranças que, enquanto pôde, ela deixou engavetadas, ocupando-se do trabalho e de outras atividades.

De acordo com Ecléa Bosi (2009, p. 63), “o homem ativo (independentemente de sua idade) se ocupa menos em lembrar, exerce menos frequentemente a atividade da memória, ao passo que o homem já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá mais habitualmente à refacção do seu passado.”. É esta última, precisamente, a situação em que se encontra a protagonista de *Mar Azul*; velha e aposentada, já não existem impedimentos suficientes para que venham à tona suas reminiscências e suas perdas. Resta-lhe apenas a tarefa de enfrentar o passado e narrar suas histórias, de modo a expurgar as dores. Não podendo fugir às lembranças e aos sofrimentos, a protagonista lança mão da escrita como

uma espécie de válvula de escape. A descoberta dos cadernos com anotações de seu pai, que saíra da Argentina antes dela e não mais retornara, acirra a sua vontade, ou antes, a sua necessidade de escrever.

De tal modo, ela passa a preencher os versos das páginas deixados em branco por ele. Mesmo com décadas de atraso, encontra nesta ação um meio de cobrar o seu lugar e fazer-se, de algum modo, presente na vida daquele que a deixou. Como o pai está morto, não há possibilidade de recuperar qualquer laço. Ela tenta, em vão, completar as lacunas deixadas pela sua ausência, pelo distanciamento guardado ao longo dos anos e que, como filha, busca alcançar enquanto registra os próprios dias. Utilizar-se dos cadernos deixados pelo pai, dos versos das folhas escritas por ele, parece, assim, uma forma simbólica de retomar a relação interrompida. Ao mesmo tempo, escancara para os leitores tristes páginas da história da América Latina, que alguns discursos atuais teimam em fingir que não existem.

Amor em dois tempos (2014), de Livia Garcia-Roza

Nascida no Rio de Janeiro e psicanalista de formação, em *Amor em dois tempos*, mais uma vez, a escritora Livia Garcia-Roza trata de temática pouco explorada na literatura brasileira: o amor e o desejo na maturidade. Assim como em seu romance anterior, *Milamor* (2008), a autora concede a voz a uma mulher que, a despeito da idade avançada e dos preconceitos em torno da velhice, ainda se permite desejar e ser desejada. A viuvez, em ambos os romances, se apresenta como peça-chave no processo de (re)descoberta de si. Libertas do vínculo e da dedicação aos cônjuges, as protagonistas podem, finalmente, cuidar da própria satisfação. Nesse processo, se encontram com uma parcela esquecida ou adormecida de si mesmas, com as mulheres vívidas e apaixonadas que a passagem dos anos ocultou, mas de quem o corpo envelhecido ainda não se despediu. Livres para vivenciarem novamente o desejo amoroso, elas se lançam em busca de novas parcerias.

Ambas, tanto Maria, protagonista de *Milamor*, quanto Vivian, de *Amor em dois tempos*, não se descuidam de seus papéis familiares e sociais, mantendo o relacionamento com os filhos e as amigas, mas reservando, apesar dos impasses, um espaço particular, que se pretende livre de interferências, destinado às relações mais íntimas, afetivas e/ou sexuais. Em qualquer dos casos, não se trata de tarefa fácil, especialmente em razão da censura e do cerceamento que as pessoas próximas lhe impõem. Se em *Milamor* as restrições e recriminações eram exercidas quase sempre pela filha da narradora, em *Amor em dois tempos* o controle e a repreensão ficam por conta da amiga, Hilda, que considera “um despautério” (GARCIA-ROZA, 2014, p. 42) uma mulher apaixonar-se aos setenta anos. Vivian, contudo, recém-viúva, reencontra em Salvador um amigo de infância, Laurinho, e volta a sonhar. Seu primeiro amor, “sessenta anos depois, regressava com a força dos começos numa junção inacreditável de tempos, como se não tivesse havido separação. Nós dois de novo. Velhos, vivos.” (GARCIA-ROZA, 2014, p. 95). A reaproximação lança uma nova luz à vida da protagonista que, até então, havia sido solitária, mesmo nos tempos

de casada, conforme deixa claro para o leitor, ao lembrar-se do marido morto, Conrado, que fora um homem silencioso e ausente.

São muitos, porém, os obstáculos para que ela possa entregar-se ao novo amor que parece acenar-lhe. Em primeiro lugar, Vivian tem de se desincumbir da missão que a levará a viajar até Salvador. É preciso realizar a cerimônia de adeus ao marido, cujas cinzas, a pedido dele, deveriam ser depositadas em sua cidade natal, tarefa que, por variados motivos, mostra-se mais difícil do que a princípio parecera. Como se não bastasse, ao contrário dela, que se tornara viúva, Laurinho continua casado: “Como podia passar pela cabeça dele, ou de alguém, separar-se às vésperas de fazer bodas de ouro? [...] Talvez fosse melhor nos afastarmos. Minha presença podia estar concorrendo para que ele pensasse em separação.” (GARCIA-ROZA, 2014, p. 96). Há, também, o estremecimento na relação com a amiga, Hilda, que a acompanhara na viagem e que, a cada dia, mostra-se mais mal-humorada.

Em meio a tudo isso, os anseios de Vivian ainda se debatem com as preocupações e entraves da idade que, na hora do sexo, poderiam ser fatais: “Será que eu iria conseguir me movimentar com relativa desenvoltura? E se minha coluna emperrasse? [...] E o coração dele suportaria o esforço?” (GARCIA-ROZA, 2014, p. 163). Não é simples, pois, concretizar a nova relação a que ela se dispõe; a protagonista, contudo, mostra-se determinada, decidida a aceitar a mão que Laurinho lhe estende e que pode conduzi-la a uma nova vida. Em lugar de fechar-se um ciclo, o final do romance sinaliza uma abertura de caminhos e possibilidades para a personagem que, apesar dos tropeços e da insegurança, segue em frente.

Quarenta dias (2014), de Maria Valéria Rezende

Nascida em Santos (SP) e radicada em João Pessoa (PB), Maria Valéria Rezende foi vencedora do Prêmio Jabuti de 2015, com o romance *Quarenta dias* (2014), no qual aborda, entre outras coisas, as experiências de uma professora aposentada que vagueia pelas ruas e becos de Porto Alegre (RS). Alice, a protagonista, deixa a contragosto a sua moradia na Paraíba, para atender a um pedido da filha única, Norinha. Professora universitária e casada com um gaúcho, a moça planeja ter um bebê e quer a mãe por perto para auxiliá-la, ou melhor, quer que a mãe abandone a própria vida, o círculo de amizades e a tranquilidade, para “ser avó profissional [...] no Sul” (REZENDE, 2014, p. 31). Pressionada por parentes e amigos, cúmplices da filha, Alice acaba cedendo e se muda para a capital gaúcha, para então descobrir que Norinha adiará os planos de ser mãe e partirá para a Europa por conta do pós-doutorado do marido e de uma bolsa de pesquisa que ela havia conseguido.

Perturbada e sentindo-se traída, Alice tenta se refugiar no apartamento escolhido e mobiliado ao gosto da filha, mas não consegue sequer sentir-se à vontade no imóvel “modernoso” e “clean” que Norinha lhe arranjava: “ainda não consigo dizer ‘em casa’, tento, mas não há jeito” (REZENDE, 2014, p. 31). Deslocada, despojada das suas referências,

ela resolve deixar tudo para trás e aventurar-se pelas ruas de Porto Alegre. O que lhe move, inicialmente, é a suposta busca pelo filho desaparecido de uma conhecida sua, da Paraíba. O rapaz, de nome Cícero Araújo, viera trabalhar na capital gaúcha, morava na vila Maria Degolada e estava há tempos sem dar notícias. Pedindo informações aos desconhecidos que encontra pelo caminho, Alice afasta-se cada vez mais, rumo à periferia da cidade, em uma peregrinação que durará quarenta dias e que ela registra em um velho caderno da Barbie, um dos poucos pertences que teimosamente trouxera na bagagem.

Solitária e ultrajada pelo egoísmo da filha, ela se serve da escrita para desabafar. Forjando uma conversa com a Barbie, despeja no papel toda a angústia e o ressentimento que acumulara desde a sua partida e que, por falta de coragem ou de oportunidade, não pudera externar: “E aqui estou eu vomitando nestas páginas amareladas os primeiros garranchos com que vou enchê-las até botar tudo pra fora [...]” (REZENDE, 2014, p. 13). No “diário” de páginas amarelas, além das andanças por Porto Alegre, Alice também relata fatos mais distantes, relativos ao seu passado e às feridas que foi colecionando. Entre estas, o desaparecimento do marido, Aldenor, durante o regime militar, os sonhos e desejos abandonados, as mágoas e o afastamento da filha, bem como a mudança para o sul.

Apesar da angústia, da decepção com a filha e, sobretudo, do estranhamento que as terras gaúchas lhe causam em um primeiro momento, a peregrinação de Alice permite, contudo, para além das descobertas da nova cidade, de seus hábitos, moradores e histórias, que ela reveja a própria vida e que se abra para novas perspectivas. Não por acaso, quando a narrativa está em vias de acabar, pode-se notar uma margem para mudanças:

Chega, Barbie, agora eu paro mesmo, que já está clareando o dia. Agradeço a paciência, guria, a solidariedade silenciosa, mas agora vou te trancar numa gaveta, tu não leva a mal, tá?, não digo que seja pra sempre, quem sabe ainda reabro estas páginas, passo tudo a limpo. (REZENDE, 2014, p. 245).

Feito o desabafo, passada a amargura que lhe consumira por tantos dias, a protagonista está livre para tomar novos rumos. O final do romance parece sinalizar que, como as páginas do caderno, sua vida pode ser reexaminada a qualquer tempo, “passada a limpo”. Além disso, as páginas em branco que ainda restam podem ser interpretadas como os espaços que a vida ainda lhe reserva, possibilidades, dias inteiros, que ela pode preencher como melhor lhe aprouver, inclusive com tintas mais coloridas.

***Outros cantos* (2016), de Maria Valéria Rezende**

Em *Outros cantos*, Maria Valéria Rezende concede, mais uma vez, a voz a uma mulher velha. Nesse romance, trata-se de uma professora septuagenária, de nome Maria, que percorre a bordo de um ônibus o caminho de volta para o sertão. Quarenta anos antes, ela fora enviada para o povoado de Olho d'Água para alfabetizar jovens e adultos; ao tempo da narração, está regressando ao local, a convite de um sindicato de trabalhadores rurais,

para realizar uma palestra a fim de “ajudá-los numa reflexão crítica sobre o pensamento dominante e a influência da mídia televisiva desde a chegada da eletricidade.” (REZENDE, 2016, p. 73).

Ao longo da viagem, que é tanto geográfica quanto memorialística, o passado e o presente se alternam e vão se misturando, ora empurrando o leitor sertão adentro, ora conduzindo-o para a intimidade da protagonista, uma mulher idealista e engajada que, na juventude, por conta de sua militância, teve de seguir variados caminhos, percorrendo três continentes antes de voltar ao Brasil. À medida que a leitura avança, sobressaem diferentes lugares por onde Maria passou, por entre pessoas e acontecimentos de Copacabana, São Paulo, Paris, Argélia, México, até se embrenhar por entre as longínquas terras sertanejas, contratada para alfabetizar os seus moradores. Sua verdadeira missão, no entanto, era

[...] abrir uma frente de inserção, preparar pacientemente a vinda dos demais para fermentar, por longo tempo, a consciência, a organização, a longa luta, verdadeiramente popular, de baixo para cima, alastrando-se pouco a pouco por todo o país e o continente, contra todas as formas de opressão. (REZENDE, 2016, p. 105).

As lembranças sobre o período de sua tentativa de atuação em Olho d'Água demonstram não apenas “a utopia que caracterizava a geração que militou nos anos 1960/70” (FIGUEIREDO, 2017, p. 100), como evidenciam a fragilidade do projeto em que ela se lançara, bem como a ingenuidade e/ou excesso de idealização da jovem que, como muitos outros, “esperava transformar o mundo, mesmo que à custa de sua própria vida” (FIGUEIREDO, 2017, p. 100). A narrativa, neste caso, não se presta a heroísmos, antes confere à protagonista a possibilidade de examinar as falhas e limitações – suas e de sua geração –, permitindo que, com um olhar maduro e experimentado, seja capaz de entendê-las e, se for o caso, perdoá-las.

Além disso, os exílios a que a personagem foi forçada, bem como seu relato sobre o povoado e o cotidiano dos sertanejos, a época do regime militar no Brasil, põem em xeque os apregoados benefícios daquele período para o povo. O que se revela ao longo da leitura é uma face autoritária do país, que empurrava para o banimento, o desaparecimento ou a morte aqueles que lutavam contra a opressão. Ao mesmo tempo, resta claro que as melhorias econômicas, os avanços, riquezas e alegrias, mesmo que de fato tenham existido, não contemplaram grande parte da população. Ao contrário, o fosso de desigualdade foi mantido, garantindo-se a uns poucos fortuna, enquanto outros eram assolados pela miséria e pelo cansaço, à espera de soluções divinas para as mazelas que as autoridades não cuidavam de resolver ou atenuar.

Por tudo isso, pode-se inferir que, se o envelhecimento da protagonista não se mostra, necessariamente, como um tempo de descanso e/ou recolhimento, tampouco é exibido de forma negativa. Ao contrário, passar por tudo quanto passou, como mulher e como militante, atravessando desertos, fugindo da repressão e divisando as diversas faces do país e de seus habitantes, logrando chegar “inteira” aos setenta anos, gozando ainda de

prestígio junto aos demais, de certo modo lhe confere um lugar diferenciado. Ser/estar velha, no seu caso, é uma mostra de força, de resistência.

Considerações finais

Em todos os casos examinados, vale notar que, ao conceder protagonismo e voz à figura feminina, especialmente trazendo à luz narradoras de idade avançada, as autoras colaboram para diminuir ou estancar o obscurecimento a que frequentemente as mulheres são relegadas, especialmente mulheres velhas, que raramente têm destaque na realidade ou na ficção. Cumpre referir, sobretudo, que o fato de estarem vivas para contar a própria história, tendo conseguido atravessar o tempo e atingir a velhice, de certo modo coloca-as em uma posição privilegiada. Algumas delas, por terem resistido ao regime militar, aos exílios e a outros padecimentos. Outras, por não esmorecerem apesar das pressões, sociais e/ou familiares, fazendo valer os seus desejos e cuidando de garantir a própria autonomia.

De diferentes maneiras, o que se apresenta diante dos leitores são histórias de obstinação e de coragem. Apesar dos desafios, que não são poucos, as mulheres velhas (r)existem e, ao alçarem a voz, podem revelar não apenas a própria história, mas também a de outras mulheres que não têm o poder de fazê-lo, seja porque foram silenciadas, seja porque nunca lograram dominar a palavra. Ainda que não se possa precisar se e até que ponto a literatura é capaz de reverter os problemas relacionados à velhice, as perspectivas parecem boas. A presença de variadas obras que trazem à tona, ainda no início do século XXI, protagonistas velhas que, além de personagens, sobressaem nas narrativas como detentoras do discurso, demonstra avanços ou, ao menos, indícios de que se começa a refletir sobre a possibilidade de um novo cenário, no qual a população mais velha, em especial no que diz respeito à parcela feminina, toma parte, ganha voz e, principalmente, deixa de ser invisível e/ou indesejada.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Trad. de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BIRMAN, Joel. O futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: BIRMAN, Joel. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 191-209.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BRASIL. *Estatuto do idoso* [recurso eletrônico]. Claudia Augusta Ferreira Deud (organizadora). 7. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019. (Série legislação; n. 273). Disponível em: <http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/763>. Acesso em: 01 maio 2021.



BRITTO DA MOTTA, Alda. As velhas também. *Ex aequo*, Vila Franca de Xira, n. 23, p. 13-21, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n23/n23a03.pdf>. Acesso em: 28 set. 2020.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077/8085>. Acesso em: 28 set. 2020.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.

GARCIA-ROZA, Livia. *Amor em dois tempos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GARCIA-ROZA, Livia. *Milamor*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GIDDENS, Anthony. Sociologia do corpo: saúde, doença e envelhecimento. In: GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Trad. de Sandra Regina Netz. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 128-149.

GOLDENBERG, Mirian. Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 25, n. 2, p. 46-56, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/21803/11965>. Acesso em: 29 set. 2020.

REZENDE, Maria Valéria. *Outros Cantos*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

REZENDE, Maria Valéria. *Quarenta dias*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014.

VIDAL, Paloma. *Mar azul*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

NOTAS DE AUTORIA

Cristiane da Silva Alves (cristianesalves@gmail.com) é Licenciada, Mestra e Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Também é graduada em Ciências Jurídicas e Sociais pela UNISINOS. Atualmente, é bolsista de Pós-Doutorado (PNPD-CAPES/MEC) junto ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS, com o projeto de pesquisa "Mulheres velhas: seus lugares e papéis na literatura brasileira do início do século XXI".

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

ALVES, Cristiane da Silva. As mulheres velhas (r)existem: algumas notas sobre a velhice feminina e sua presença na literatura brasileira do início do século XXI. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 26, p. 01-15, 2021.

Contribuição de autoria

Não se aplica.



Financiamento

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 29/11/2020

Aprovado em: 04/05/2021

Publicado em: 28/10/2021

